

REVISTA DO MINHO

Dedicada ao estudo das tradições populares

Director--José da Silva Vieira

X ANNO DE PUBLICAÇÃO



Redacção e Administração
Espozende
1894



MAIS UM ANNO



Com o presente numero, entra a *Revista do Minho* no seu 10.º anno de publicação.

Não poucos téem sido os sacrificios porque temos passado para levar a cabo o conseguimento de tantos annos de publicidade, quando é certo—mau grado nosso—que o amor e dedicação pelos estudos ha dez annos

encetados, aninda não attingiram o seu verdadeiro desenvolvimento, como assim não acontece em outros paizes onde se fazem publicações luxuosissimas, a ellas exclusivamente dedicadas.

Em todos os paizes, e nomeadamente em Portugal, ha ainda muito, muitissimo que recolher de tradições populares, uma das exploraveis e inesgotantes fontes de riqueza das letras patrias, envoltas no pó de passadas gerações, e que seriam de um valor incalculavel se os nossos homens de letras e muito mais os estudiosos, se déssem á tarefa de colleccionarem e publicar essa vastissima encyclopédia do povo, como: lendas, adagios, anexins, rifões, etc, que a tradição de milhares de seculos traz comsigo de geração em geração.

E para este fim foi creada esta revista que só labores nos ha dado. Todavia, não esmorecemos, confiados em que é a unica publicação dedicada a assumptos folk-loreicos que se tem sustentado, a unica que presentemente se publica em Portugal e a que maior numero e mais variadas tradições tem recolhido em suas paginas.

Assim, firmemente, devotadamente, trabalharemos por desenvolvê-la e melhora-la. Para isso porém, carecemos do auxilio dos ethnologos, a quem offerecemos desde já as columnas d'esta revista, e do de todos os estudiosos que queiram dedicar-se ao cultivo da grande mas ainda occulta riqueza nacional—a tradição popular.

Cumpre-nos, no entretanto, para não faltarmos aos mais rudimentares deveres de cortezia, reiterar o nosso sincero agradecimento aos illustrados collaboradores e especialmente ao infatigavel collector alemtejano snr. Antonio Thomaz Pires,—sem duvida o folk-loreista que mais tem concorrido para o desenvolvimento da tradição popular— aos nossos estimaveis assignantes e ainda aos distinctos collegas pela boa e leal camaradagem e pelas finezas imerecidas com que sempre nos têm obzequiado.

FOLK-LORE ALEMTEJANO

I

Rimas populares

(Recolhidas em Elvas)

1) Dos quarenta para riba
Não molhes a barriga.

2) Filho de gato
Mata rato.

3) Caçada sem cão
E' caça de toleirão.

4) E' mais a fama
Do que a lama.

5) A solteira para merecer,
A casada para não desmerecer.

6) Barriga vasia
Não tem alegria.

7) Agua fervida
Alenta a vida.

8) Lisboa é que é terra,
E tudo o mais é lèria.

9) Sobre fêmea varão,
Queima como pimentão.
(Diz-se do parto)

10) Uva podre
Faz vinho;
Uva verde
Nem vinho,
Nem vinagre.

(1) Deus o permita
Que na feira da ladra
Se venda barata a guita.

II

Rifões, anexins e ditados

Lume sem madeiro é casa sem marido.
Quem come, com o seu mal pode.
Quem se casa com freguezes fica viu-
vo em pouco tempo (*dictado dos com-
merciantes*).

O caro abunda, e barato não chega.
Com muito pode a velhinha para a
sua casinha.

E' como a preguiça, que morreu à
sêde no meio do rio.

Muita gente faz a guerra.
Ceo cavado, antes de tres dias é
molhado.

Quem não fia não vende e quem fia
perde o dinheiro (*dictado dos com-
merciantes*).

Comeu-o em chibo, não o pode co-
mer em bode.

Tanto faz cavar na vinha como no
bacello.

Corte quem souber e cõsa quem
quizer (*dictado dos alfaiates*).

III
VARIA

Toque dos sinos na villa de Borba:
Sino da Misericordia:
Morreu um pobre na Santa
Casa.

Sino de S. Bartholomeu:
Deixou uma manta velha,
Deixou uma manta velha,

Deixou uma manta velha,
Sino das Freiras:
Tem lendeas,
Tem lendeas,
Tem lendeas.

Toque de corneta, em Elvas:
Quem quer gallinha
Vá p'r'ó hospital.

IV

Mythologia infantil

No Alemtejo mettem medo às crean-
ças fallando-lhes nos sêres imaginarios
cuja menção segue:

—O Papão.

O' papão vac-te embora,
De cima d'esse telhado,
Deixa dormir o menino
Um soninho descaçado.

—O Fradinho de mão furada

—O Medo.

—O Avejão.

V

Alguns termos da linguagem
infantil alemtejana

Vô-vô=Avô.
Vó-Vó=Avó.
Tai-tai=Pae
Pá=Pae.
Pápá=Pae.
Mã=Mãe.
Mamam=Mãe.
Naná=Dormir (*fazer nãndt*).
Papar = Comer.
Pi-pi = Pinto, e gallinha.
Cáca = (*fazer cáca*):
Ti-ti=Tio.
Tó-tó=Cão.
Ache=Golpe, ferida—um ache).
An-an=Burro.
Pápa=Comida.
O' ó=Dormir (*fazer ó ó*).
Mi-mi=Maria.
Bé-bé=Cão.
Mé-mé=Borrego.
Gru-gru=Peru.
Miau-miau=Gato.

Bitó=Bonito.
Menéto=Boneco.
Chicha=Carne.
Ni-ni=Menina.

VI

Tradição

As luvas do padrinho devem ser collocadas sobre o peito da creança, ao recolher do baptisado, para ser mansinha.

VII

Adivinhas populares

1

Eu ando leguas n'um pé,
Tenho entrada em toda a parte,
Mas o sitio onde me escondo
Não descobriu ainda a arte.
(O Vento.)

2

Uns appetecem-me fraco,
Outros desejam-me forte,
O afouto, que me não teme,
As vezes o entregro á morte.
(Idem)

3

Sou muito desarranjado
E nada sei arrumar,
Antes deixo muitas coisas
Por fora do seu logar.
(IDEM)

4

Eu nasci dentro d'um berço
Que ninguem tocar ousará,
Aquelle que lhe mexer
Pôr-lhe a mão não tornará.
(A CASTANHIA)

5

Nas cidades, villas e hortas,
Quando me apanham crescida,
As mulheres, anciosas,
Comigo ganham a vida.
(IDEM)

6

Tiram-me o fato, ando nua,
Na velhice ao tempo exposta,
Quanto mais encarquilhada
Mais a gente de mim gosta.
(IDEM)

7

Vindo por aqui abaixo

(Deus guarde vossas mercês).
Levo ás costas quem precuro,
Na barriga quem me fez.
(O SOBREScripto)

8

Sou de quatro divisões,
Sustenta-me uma columna,
E sou muito comparada
Com a roda da fortuna.
(A DOBADOURA)

9

Quando eu parada estou
Meus donos nada pretendem,
Quando querem que trabalhe
Com uma cinta me prendem.
(IDEM)

10

Sem eu ser mexeriqueira,
'Stando sempre recolhida,
Nunca deixo de me ver
N'alguns enredos mettida.
(IDEM)

11

Sou corpo com muitas linguas,
E em todas ellas fallo,
Quando 'stou com quem me entende
Por dar gosto me não calo.
(O PIANO)

12

Tenho dez amigos certos
Com quem eu muito me dou,
Elles procurar-me veem,
Eu procuraral-os não vou.
(IDEM)

13

Inda que me julgues forte
O mau tempo me faz damno,
Quem escreve me nomeia
Quando põe na data o anno.
(IDEM)

14

Fêmea sou de nascimento,
Macho me querem fazer,
Hei de morrer afogado
P'ra femea tornar a ser.
(O SAL)

(Continúa)